

Moradores interrompem remoção

CRONOLOGIA

MAIO/95

Dia 20 — Aprovação em primeiro turno do projeto do deputado José Edmar (PSDB) que cria a Estrutural.

Dia 22 — Parecer da Sematec condena a implantação da Cidade Estrutural.

Dia 31 — Derrubada de 150 barracos e desmanche de 45 demarcações.

JUNHO/95

Dia 1º — 500 invasores ocupam a via Estrutural.

Dia 7 — Um acordo entre as bancadas da oposição e do governo suspende a derrubada de barracos.

Dia 13 — Aprovado em segundo turno o projeto do deputado José Edmar (PSDB). O governador Cristovam Buarque anuncia que vetará.

AGOSTO/95

Dia 15 — A Câmara mantém o veto do governador. Cristovam anuncia que a retirada dos invasores da Estrutural será lenta e sem violência.

SETEMBRO/95

Dia 18 — Cadastramento e saída voluntária de 200 famílias. O governo dá R\$ 150 e passagem para as famílias que queiram sair.

DEZEMBRO/95

Dia 31 — Somente 250 das quase duas mil famílias saem voluntariamente. O governo adia a decisão de retirar as demais.

JANEIRO/96

Dia 15 — GDF decide levar 528 famílias com inscrição na antiga Shis para lotes definitivos.

Dia 23 — Boatos indicam que os moradores estavam se armando e estocando gasolina, que serviria para fabricação de bombas caseiras, para combater a remoção.

Dia 25 — Governo faz levantamento das famílias para iniciar a remoção. Dois policiais à paisana infiltrados na Estrutural são descobertos e quase são linchados.

Dia 28 — Governo anuncia a retirada para o dia seguinte. Os moradores com mais de dez anos de Brasília ou que tivessem inscrição no Idhab e cheque-lote seriam transferidos para uma área próxima ao Lixão.

FEVEREIRO/96

Dia 10 — Interrompida a transferência para a Baixa Estrutural. Os invasores pleiteiam o aumento dos lotes de 72 m² para 96 m².

Dia 14 — GDF fixa o novo tamanho de lotes sendo reiniciada a remoção.

MARÇO/96

Dia 27 — Moradores interrompem a transferência das famílias para a Baixa Estrutural. Exigem a fixação de áreas para comércios, escolas e igrejas.

“Até uma determinação superior e continuaremos com o trabalho de piquetamento dos lotes e de abertura das ruas. Se as famílias continuarem se indispondo teremos um impasse”, antecipou Mário Celso.

Término — Até a última segunda-feira haviam sido removidas aproximadamente 500 famílias, mas falta ainda a transferência de 700 outras para Baixa Estrutural.

“Estávamos chegando a uma média de transferência de 30 famílias por dia. Agora, o governo está aí perdendo dinheiro com pessoal para a mudança pago, mas sem trabalho para fazer”, contou Mário Martins, encarregado da transferência.

A estimativa é de terminar o processo de transferência da invasão daqui a dois meses, caso o trabalho seja retomado até amanhã.

Divergência — Muitos moradores ainda não transferidos para a nova área seguem a orientação da associação, mas a proposta de se reservar parte da Baixa Estrutural para comércio, igrejas e escola, não é consensual.

“Nós não queremos comércio, queremos é moradia. A maior parte dos comércios que existem na parte velha são junto com as casas dos donos”, afirmou Marinalva Mendes, moradora da Estrutural há um ano e meio.

A opinião de Marinalva foi atacada por vizinhos. “Precisamos de colégio, igreja e comércio, sim. O tamanho dos lotes aqui é menor e não dá para acomodar família e outra atividade”, rebateu José Gomes de Souza, comerciante na parte velha da invasão.

Os lotes que estão sendo demarcados na Baixa Estrutural medem 96 metros quadrados.

Rogério Dy La Fuente
Da equipe do Correio

Moradores da Invasão da Estrutural interromperam ontem, pela segunda vez, o trabalho de remoção das famílias da parte velha para a área denominada Baixa Estrutural. Eles reivindicam uma mudança no acordo feito com o governo, há dois meses.

“Queremos a destinação de parte dessa nova área para o comércio, escolas, igrejas e associação de moradores”, afirmou a presidente da Associação de Moradores da Estrutural (Asmoes), Marlene Mendes.

A reivindicação — que não havia sido formalizada ao Governo do Distrito Federal (GDF) até o início da tarde de ontem — foi ignorada pelo sub-gerente do Siv-Solo, Major Mário Celso Manente.

Ronaldo de Oliveira



Segundo o Siv-Solo, estão sendo transferidas, em média, 30 famílias por dia das 700 que ocupam a invasão original

Motoristas se assustam com invasão

Quem passa habitualmente pela Via Estrutural (DF-095) não percebe mudanças entre a invasão original e a criada há dois meses, quando foi iniciada a transferência para a chamada Baixa Estrutural.

“A impressão que dá é que foi criada uma nova invasão, mais perto do retorno para o Jóquei e que os barracos antigos não saíram do lugar”, contou a funcionária pública Edilene Gonçalves, que passa pelo local quase todas as manhãs, ao se dirigir para o trabalho.

Quem conhece a invasão por dentro, entretanto, se assusta com a mudança na paisagem.

Ruas, que há até dois meses tinham barracos dos dois lados, ago-

ra são apenas caminhos de lama.

Uma das cenas mais comuns de serem vistas na invasão é a de moradores carregando mobília e objetos pessoais, dos lotes antigos até os novos barracos na Baixa Estrutural.

Briga — A demora na mudança do visual externo da invasão também se justifica por divergências entre os moradores do local e a associação de moradores.

Há uma semana, o comerciante Mariozan Amâncio Costa, morador da Estrutural há ano, comprou o barraco 1.949 na parte velha da invasão para a enteada, Maria Pacheco da Silva, de 27 anos, do funileiro desempregado Pedro da

Cruz Duarte.

Mariozan, que é conhecido como *Jamaica* pelos moradores da Estrutural, teve a transação anulada pela presidente da Associação de Moradores, Marlene Mendes.

Ele sabia que a venda era irregular.

“A gente não queria especular, mas a menina não tem onde morar com a filha. Muita gente aqui já comprou barraco e foi transferido”, acusa Jamaica, que não tem como provar a negociata.

“Por causa de pessoas que agem assim é que o trabalho de transferência não acaba nunca. Agora, ao invés de uma, são duas famílias sem casa”, avaliou Marlene Mendes.